

# **Produção coletiva da história de Xavantina – SC: história, memória e experiência**

*Patricia Heffel\**

*Teresa Machado da Silva Dill\*\**

## **Resumo**

Neste artigo relatamos a experiência da construção histórica coletiva, desenvolvida com professores do ensino fundamental da rede municipal de ensino de Xavantina – SC e a população local. O texto mostra esta experiência como uma possibilidade de trabalho que democratiza a produção de conhecimento neste campo, permitindo à população do referido município, o registro de relatos que consideram relevantes para si como um patrimônio a ser legado às gerações futuras. Portanto, é o objetivo deste artigo socializar e disponibilizar esta prática, que valoriza o conhecimento contido nas memórias e experiências vivenciadas pelos protagonistas da história, ou seja, daqueles que de fato fizeram e fazem a história em um determinado espaço.

**Palavras-chave:** História. Memória. Experiência.

## **Introdução**

Este trabalho tem por finalidade socializar a experiência da produção coletiva realizada sobre a História do Município de Xavantina – SC. Um estudo que nasceu das manifestações de preocupações da secretaria municipal de educação do referido município em parceria com a UNOESC, campus de Xanxerê. A pesquisa consistiu em sistematizar o conhecimento com vistas a atender aos anseios do processo de ensino e aprendizagem – de escrever a história daquele município por meio de uma linguagem didático-pedagógica que pudesse atender aos diferentes níveis da educação básica do ensino fundamental – anos iniciais. Assim sendo, o presente texto mostra como este trabalho se desencadeou e os referências teóricas que fundamentaram este estudo.

Como procedimentos metodológicos, utilizamos a proposta do historiador alemão Jörn Rüsen, também defendida pelo historiador brasileiro Astor Antônio Diehli, bem como as discussões da historiadora Loiva Otero Félix no que se refere aos conceitos de experiência e memória.

## **Alguns aspectos da mudança nas formas de pensar e escrever a história**

Desde as três últimas décadas do século XX, os estudos e produções historiográficas vêm manifestando certa preocupação sobre as formas narrativas que, por muito tempo, nortearam o conhecimento histórico. Esse debate gerou e continua gerando uma espécie de desconforto e até insegurança na lida com as fontes e, sobretudo, no processo de produzir o conhecimento neste campo do saber. Por outro lado, o contexto das mudanças tem provocado muitos desafios e possibilidades, instigando os profissionais da história a perceber e desenvolver estudos por meio das múltiplas perspectivas contemporâneas.

Nas produções mais recentes estão evidenciadas questões que alguns teóricos da História, apontam como novas abordagens. Para Diehl (2002, p. 13), “as histórias narradas perderam muito de seu sentido original glorioso e heróico. Sua energia explicativa inicial, dos grandes feitos modernizadores, cede lugar à consciência de viver numa época multicultural e de interesses pluriorientados”. O autor destaca também que o contexto das mudanças, entendido também como crise do pensamento histórico, deve ser concebido como possibilidade de problematizar o passado no sentido de reconstruir ideias e experiência para uma cultura de mudança.

Nesse caso, percebemos que a história precisou construir outros instrumentos metodológicos para poder dar um novo sentido aos estudos e uma nova representação do passado. Como meio de ilustrar essa ideia vale destacar o seguinte pensamento de Astor Diehl (2002, p. 17) “a recombinação de temporalidades diferentes numa mesma narrativa não é mais vista como uma deformação ou mesmo sinônimo de desordem, mas sim de constituição de um sistema lógico de trabalho com sentidos préconstituídos”. Nessa perspectiva, “a historiografia hoje representa a história dos fracos, da fraqueza humana, dos sujeitos da história, daqueles que foram jogados historiograficamente na lata do lixo” (DIEHL, 2004, p. 18).

Ao problematizar o processo de mudanças nas formas de pensar e escrever a história, na década de 1980, o historiador alemão Jörn Rüsen (2001) propõe, então, o que convencionou chamar de “matriz disciplinar do conhecimento”, como procedimento metodológico para o trato com o conhecimento histórico. “A história como disciplina, quando pretende ter plausibilidade científica no quadro das ciências humanas deve contemplar uma matriz composta de, pelo menos, cinco elementos que a fundamentam como tal” (DIEHL, 2004, p. 21).

Astor Diehl toma essa proposta como possibilidade de produzir o conhecimento histórico com plausibilidade científica. Frente

à turbulência de ideias e polêmicas buscou, então, pensar uma espécie de programa mínimo. Um procedimento metodológico composto por cinco elementos da matriz disciplinar como: os interesses pelo conhecimento histórico, as perspectivas teóricas sobre o passado, a metodologia e as técnicas de pesquisa, as formas de representação do conhecimento e as funções didáticas da história. A matriz está representada no círculo abaixo<sup>ii</sup>:

### Matriz disciplinar da história



Fonte: DIEHL, 2004, p. 22.

Essas discussões, portanto, nos orientaram no processo de investigação e constituição da história do município de Xavantina. Buscamos realizar um estudo acerca dos conceitos presentes na pesquisa documental, na coleta e interpretação dos depoimentos, na análise deste material e, especialmente, no cuidado de sistematizar essas informações.

Tendo como foco o 1º elemento da Matriz Disciplinar “Interesses pelo conhecimento histórico”, consideramos os interesses manifestados pela comunidade educacional daquele município – o de produzir uma história do município numa perspectiva didático-pedagógica, que pudesse ser utilizada em sala de aula, com uma

escrita voltada ao nível de compreensão dos alunos do ensino fundamental.

O segundo elemento da matriz, “perspectivas orientadoras sobre o passado (as teorias)” foi contemplado quando tomamos os autores que trabalham a mudança nas formas de pensar e escrever a história, no sentido de nortear a fundamentação teórica de nosso trabalho, portanto, nos apoiamos nos trabalhos de Diehl (2002; 2004), Félix (1998), Ferreira (2002), Machado (2007) e Rüsen (2001).

O terceiro elemento - “metodologia: forma de operacionalização da pesquisa (métodos e técnicas)”, teve como foco a prática da produção coletiva, ou seja, a participação dos professores do ensino fundamental da rede municipal de educação de Xavantina – SC, na elaboração do projeto de pesquisa, no levantamento de fontes e na discussão sobre a formalização escrita da história.

O quarto elemento “formas de representação do conhecimento histórico (as narrativas)” está contemplado na sistematização do estudo materializada em forma de livro, cuja linguagem escrita propicia a compreensão de seu significado pela comunidade xavantinense, alunos e professores.

O quinto elemento “função didática e social do conhecimento da história” apresenta-se na possibilidade de socialização e disponibilização dos resultados da pesquisa, tanto para as pessoas que contribuíram com depoimentos, entrevistas e fornecimento de fotografias e outros documentos, quanto para a comunidade local e regional.

Observa-se que o ponto de partida da pesquisa é o cotidiano (práxis-social), ou seja, o interesse das pessoas da comunidade de Xavantina – SC pelo desenvolvimento de um estudo sobre sua trajetória e a busca pela materialização deste conhecimento sob a forma do registro escrito. A sistematização dos dados coletados fundamenta-se em pressupostos teórico-metodológicos que possibilitam a devolução do conhecimento elaborado à comunidade, de modo que a população visualize a trama de relações constituídas

no tempo e no espaço, contextualizando os elementos que dão forma às identidades culturais locais.

Conforme Félix essa forma de produzir a história,

[...] associa-se também aos espaços onde está fixada a lembrança de lugares e objetos presentes nas memórias, como organizadores de referenciais identitários. Não nos esqueçamos de que a busca de identidade(s), elemento essencial à memória, é uma das necessidades/atividades fundamentais da sociedade humana até hoje. A memória acaba quando se rompem os laços afetivos e sociais de identidade, já que seu suporte é o grupo social. É este que permite a reconstrução de memórias, pois quem desaparece é o indivíduo e não o grupo. (FÉLIX, 1998, p. 42).

As representações identitárias da sociedade/comunidade do estudo estão, portanto, intimamente vinculadas à memória compartilhada por seus membros, manifestados por meio dos vínculos afetivos, constituídos nas relações sociais estabelecidas nos núcleos familiares, escolares, religiosos, do trabalho e do lazer, ou seja, nas vivências e experiências que contribuem para o estabelecimento de ligações entre as pessoas que interagem e compartilham dos mesmos hábitos e concepções de relacionamento humano, e/ou que mesmo divergindo em alguns desses aspectos, trabalham pela manutenção dessa sociedade.

### **A história do município de Xavantina: uma construção coletiva**

A produção historiográfica sobre o município de Xavantina com o título “História e Memória de Xavantina”, foi realizada por meio de vários encontros com os professores da rede municipal de educação.

Nas primeiras etapas do projeto foi fundamental a contextualização do trabalho dos profissionais que se debruçam no desenvolvimento de pesquisas e elaboram o conhecimento histórico. Isso porque os educadores envolvidos no estudo necessita-

vam se instrumentalizar sobre conceitos, teorias e metodologias para a realização das atividades de coleta de dados e fontes históricas, bem como para poder participar do processo de análise das informações e sistematização da escrita.

Partindo de um estudo sobre a constituição histórica da região oeste de Santa Catarina e a história do Contestado<sup>iii</sup>, constatou-se que, nesse espaço geográfico, florescem/floresceram múltiplas representações identitárias.

Nos livros de história da região oeste catarinense estas imagens e representações, que os municípios fazem de “si” diante dos “outros”, são expressas de maneira a evidenciar as “identidades”, por meio das narrativas que “contam a sua história” e como meio de preservar na memória, os feitos realizados pelas gerações passadas.

Todavia, muitas das histórias dos municípios foram escritas a partir do período demarcado pela emancipação e foram pautadas em estudos que, nem sempre originários do meio acadêmico ou das mãos de historiadores, ignoravam acontecimentos e pessoas anteriores a emancipação, silenciando o processo de construção dos patrimônios culturais e materiais que deram origem as identidades dos atuais municípios.

Desde 1970, a prática de (re)pensar o conhecimento histórico, contribuiu para a emergência de um novo pensamento acerca das pesquisas, possibilitando a elaboração da história para além dos grandes fatos e personalidades, deixando de legitimar ideologias para se comprometer com as discussões dos problemas e inquietudes humanas, que trabalha com objetos de estudo diversificados e novas abordagens, como bem explica Ferreira (2002)

A valorização de uma história das representações, do imaginário social e da compreensão dos usos políticos do passado pelo presente promoveu uma reavaliação das relações entre história e memória e permitiu aos historiadores repensar as relações entre passado e presente e definir para a história do tempo presente o estudo dos usos do passado. (FERREIRA, 2002, p. 321).

Essa reavaliação de conceitos, métodos e práticas possibilitou a aceitação e uso de fontes orais e a suplantação da ideia de infalibilidade das fontes escritas como únicos meios de construção da História. Aos poucos o idealismo, ao qual muitos especialistas se apegavam para produzir uma história com suposta “objetividade científica”, está sendo sublimado. Conforme Marieta de Moraes Ferreira,

Nos últimos tempos, grandes transformações marcaram o debate historiográfico, e muito poucos historiadores preservam a crença na capacidade da história de produzir um conhecimento inteiramente objetivo e recuperar a totalidade do passado. A objetividade das fontes escritas com que o historiador trabalha foi definitivamente posta em questão. (FERREIRA, 2002, p. 314).

Além do estudo sobre a contextualização das transformações evidenciadas nos últimos anos sobre teorias e metodologias que orientam as produções historiográficas, os professores também participaram de discussões sobre as diferentes fontes de pesquisa e suas possibilidades de uso, quer sejam, fontes orais, escritas, tridimensionais ou iconográficas (imagens), bem como apropriaram-se de concepções de memória e história verificando a diferença de seus significados.

Embora memória e história aparentem ter o mesmo sentido, não é possível tratá-las, e tampouco defini-las como termos sinônimos, pois diversos aspectos as distinguem. Segundo Félix (1998), à medida que a memória constitui-se como uma síntese da dialética entre lembranças e esquecimentos ou “não ditos”, resultante das seleções emotivas dos indivíduos, a história se estabelece como um instrumento capaz de tornar a memória inteligível, dando-lhe credibilidade ao associar os relatos (dos quais ela, a memória, se vale para se perpetuar na sociedade) a outras fontes de estudo.

Diferente da história a memória, processa-se constantemente, de acordo com a vivência de cada indivíduo, que a reelabora, de acordo com suas experiências sociais. A história também pode



ser reelaborada constantemente, de acordo com as necessidades dos homens do presente, sem, contudo, destruir os registros realizados pelos historiadores do passado. É possível reelaborar a história, a partir da rediscussão dos registros que foram estabelecidos enquanto que a memória descarta, por meio da seleção afetiva, aquilo que convém ao indivíduo esquecer, dando continuidade, no presente, ao que o ser humano opta por lembrar e julga importante transmitir aos sucessores de seu grupo, inventando, assim, as “tradições”.

A história, assim como a memória, pode “fazer-se” a cada novo dia, mas, diferente dela, não pode “esquecer-se” ou apagar o que já foi registrado. Todavia, mesmo o que foi considerado tradição ou hábito tende a se modificar com o tempo, e é comum perceber, nos relatos das pessoas mais antigas, certos ressentimentos em relação às gerações mais jovens, especialmente por estas não cultivarem os mesmos costumes que eles.

Esse discernimento do que é história e o que é memória foi/é considerado muito importante, pois permite aos pesquisadores compreender as falas dos entrevistados como algo questionável, incompleto e que necessita de outras fontes para formar o corpo do estudo, visto que, assim como as fontes escritas, não aponta uma verdade, mas uma parcialidade do passado.

Com o entendimento dos diversos elementos que conduzem o trabalho do historiador, o projeto de pesquisa foi elaborado partindo do pressuposto de que o conhecimento histórico deveria ser produzido considerando a trajetória e as experiências de vida dos diferentes sujeitos que dela participaram/participam, independente de suas origens étnicas e sociais, contemplando os sujeitos que, de fato, produziram os patrimônios culturais e materiais daquele município e no contexto da região oeste de Santa Catarina, onde se situa.

A busca pelas reminiscências das memórias das pessoas mais antigas, que vivenciaram os primeiros tempos da colonização foi um aspecto muito interessante, explorado pela equipe que traba-

lhou na coleta de fontes e dados efetuada por meio do desenvolvimento de entrevistas. Nas lembranças dos mais velhos desvelaram-se os sentimentos vivenciados no passado e os sentimentos do presente, em relação às experiências que essas pessoas tiveram e que julgaram importantes para o registro escrito.

A participação das pessoas nesta atividade mostrou confiança dos entrevistados depositada nos participantes da pesquisa, com o empréstimo das fotografias, cujas imagens estão impregnadas de grande valor sentimental. A prestatividade da população superou as expectativas da equipe, a princípio receosa com uma possível intransigência na colaboração com esta etapa do trabalho.

O ambiente e período histórico dos primeiros anos de colonização revelaram as difíceis relações com as populações caboclas e indígenas e a propagação de ideias preconcebidas de que esses grupos eram inferiores e que ocupavam as terras de maneira irregular, pois não tinham documentos que comprovavam a posse, eram tidos como intrusos, conceito que até o presente conflui para a marginalização deste grupo étnico.

A ideologia de progresso vigente que se pautava na extração da madeira e do plantio em larga escala após a prática das queimadas fora relatada como uma necessidade, assim como a caça para o consumo e o extermínio de predadores naturais, mas também revela a consciência atual de que o atendimento daquelas necessidades configurou os problemas climáticos e ambientais de hoje.

Do mesmo modo evidenciaram-se os momentos de cumplicidade extremada entre os membros dos grupos de colonos e as ligações identitárias mais fortes nos primeiros anos da constituição das comunidades. Essas relações eram tão estreitas entre as pessoas a ponto da convivência social se restringir, em muitos aspectos, aos grupos étnicos que compunham as comunidades, gerando a exclusão de grupos culturalmente diferentes, como no caso do embate entre brasileiros (caboclos) e indígenas com os “colonos de origem europeia” e, em algumas ocasiões específicas, entre grupos de colonos distintos, como se verifica na rivalidade estabelecida entre

o oeste se encontrava. Quando as pequenas vilas cresceram e as estradas melhoraram, viabilizando o transporte mais rápido, no momento em que os meios de comunicação estreitaram as fronteiras da informação, que passou a chegar com velocidade quase que imediata, informando os acontecimentos de qualquer parte do globo, a necessidade de encontrar-se com os vizinhos diminuiu, e as memórias da coletividade começaram a desaparecer junto com os mais antigos, que deixam esta vida.

O registro histórico, por não ser afetivo, e, sim operação intelectual, permite (e exige) o distanciamento, a problematização, a crítica e a reflexão sobre as memórias. A memória, por seus laços afetivos e de pertencimento, é aberta e em permanente evolução e liga-se à repetição e à tradição, sacralizando o vivido do grupo social. A história, ao contrário, dessacraliza a memória, constituindo-se tão só em representação do passado. (FÉLIX, 1998, p. 43).

Mas como evitar que uma sociedade sucumba em função do individualismo estimulado pelos meios de comunicação que, através de propagandas e programas de televisão, estimulam o ser humano a crer que o importante ao ser humano contemporâneo é o ter ao invés do ser? Como resistir quando o discurso corrente é que se deve abrir mão do velho, do passado, a cada novo modelo tecnológico desenvolvido e posto à venda ao mercado consumidor? Como proceder diante de tanta inversão de valores?

Essas foram algumas das reflexões que surgiram por meio das entrevistas realizadas com as pessoas mais antigas, como a manifestação de uma perda irreparável de muitas coisas que construíram seus estilos de vida em que, em muitos casos, não passa de lembranças. Conforme Ferreira,

Essa perspectiva que explora as relações entre memória e história possibilitou uma abertura para a aceitação do valor dos testemunhos diretos, ao neutralizar as tradicionais críticas e reconhecer que a subjetividade, as distorções dos depoimentos e a falta de veracidade a eles imputada, podem ser encaradas de uma nova maneira, não como uma desqualificação, mas como uma fonte adicional para a pesquisa. (FERREIRA, 2002, p 321)

Por outro lado, resposta para questões complexas como essas é tão simples como as palavras proferidas por um sábio agricultor

residente no interior de Xavantina que certo dia, relembando os ensinamentos de seu pai, disse:

Como meu pai sempre nos dizia: ‘Filhos, trabalhem mais com a cabeça do que com os braços’. Se tivéssemos escutado ele, e ao menos escrito nossas histórias e os acontecimentos da comunidade eles não seriam esquecidos e estariam registrados, não na memória que se perde, mas no papel para que todos pudessem ver. (FISTAROL; LÜERSEN, 2005, p. 52.)

menos escrito nossas histórias e os acontecimentos da comunidade eles não seriam esquecidos e estariam registrados, não na memória que se perde, mas no papel para que todos pudessem ver. (FISTAROL; LÜERSEN, 2005, p. 52.)

## Considerações finais

Esta produção, elaborada por várias mãos, fruto de diversas memórias transformadas em história, confronta-se com um mundo que a cada dia tenta impor, de cima para baixo, uma história única e acabada. Este livro foi escrito para que as lembranças do passado das comunidades de Xavantina não sucumbam diante de um mundo individualista e para que cada nova geração possa conhecer e reconhecer suas origens, compreendendo o espaço construído no seu entorno. Por outro lado, esses estudos não esgotam as possibilidades de descobrir novos conhecimentos da história desse local.

É preciso dizer que a experiência de realizar uma atividade coletiva, possibilitou reflexões significativas, tanto no campo da produção histórica quanto nas possibilidades de os docentes se constituírem como protagonistas dos conhecimentos trabalhados em sala de aula. Acreditamos, a partir dessa produção coletiva, que é possível e necessário que os professores produzam conhecimento, sejam protagonistas e permitam a seus alunos apropriar-se das metodologias de elaboração de saberes, adotando o compromisso em não se permitir, apenas transmitir os conteúdos de livros didáticos que geralmente não contemplam os conhecimentos regionais de maneira mais específica.

Não podemos esquecer que vivemos uma época de reparação, de releitura e de reconstrução de conhecimentos significativos na construção de um cidadão capacitado para enfrentar os desafios da contemporaneidade. Pois, quando se conhece e se compreende os acontecimentos é possível enfrentar e propor soluções.

## Notas

\* Graduada em História – Licenciatura Plena na Universidade Comunitária Regional de Chapecó – UNOCHAPECÓ, Historiadora RPA do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina – CEOM e acadêmica do Curso de Ciências da Religião da UNOCHAPECÓ.

\*\* Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (2003). Professora e coordenadora do curso de Ciências da Religião da Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNOCHAPECÓ.

<sup>i</sup> Ver RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica**: teoria da história e fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora da UNB, 2001 e também DIEHL, Astor, Antonio. **Teorias da história**: uma proposta de estudos. Passo Fundo: editora da UPF, 2004.

<sup>ii</sup> Matriz disciplinar proposta por Astor Antonio Diehl, em “Teorias da História: uma proposta de estudos. Passo Fundo: Editora da UPF, 2004. p. 22.

<sup>iii</sup> O estudo também partiu da necessidade de atender as reivindicações da comunidade escolar que lamentou a falta de materiais didáticos sobre esses temas.

## Referências

DIEHL, Astor Antonio. **Teorias da história:** uma proposta de estudos. Passo Fundo: Editora da UPF, 2004.

DIEHL, Astor Antônio. **A cultura historiográfica brasileira nos anos 1980:** experiências e horizontes. 2 ed. Passo Fundo: UPF, 2004.

\_\_\_\_\_. **Cultura historiográfica:** memória, identidade e representação. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória:** a problemática da pesquisa. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral.** de Janeiro: *Topoi*, dez. 2002.

FISTAROL, Eliane; LÜERSEN, Angélica (Orgs.). **Manhã & Tarde.** Chapecó: Argos, 2005.

MACHADO, Ironita P.; SILVA, Adriana Pereira da. Cidade na história e história na cidade. In: BATISTELLA, Alessandro (Org.). **Passo Fundo, sua história:** ígenas, caboclos, escravos, operários, latifúndio, expropriações, território, política, poder, criminalidade, economia, produção, urbanização, sociedade, mídia impressa, censura, religiosidade, cultura, gauchismo e identidade. Passo Fundo: Méritos, 2007. (Coleção Passo Fundo e Sua História).

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica:** teoria da história e fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora da UNB, 2001.

## **Abstract**

In this article we tell the experience of the collective historical construction, developed with teachers of elementary municipal education Xavantina – SC and the local population. The text shows this experience as a possibility of work that democratizes the production of knowledge in this field allowing, to the population of the related city, the register of stories that consider excellent for itself as a patrimony to be legacy to the future generations. Therefore, it is the objective of this article to socialize and make this practical, that it values the knowledge contained in the memories and experiences lived deeply for the protagonists of history, that is, of that in fact they had made and they make history in one definitive space.

**Keywords:** History. Memory. Experience.